

O USO DA VERSÃO DE SENTIDO (VS) COMO INSTRUMENTO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DE ENSINO EM PSICOLOGIA

STHEFANY LACERDA¹; **GIOVANA LUCZINSKI²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – sthefanylacc@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

No semestre remoto 2020/2, tive a experiência de estar monitora da disciplina de Teorias Humanistas - a qual é ofertada, regularmente, aos graduandos do quarto semestre do curso de Psicologia. A partir disso, pretendo apresentar um instrumento prático de formação, utilizado tanto em atividades educativas, quanto na pesquisa em Psicologia: a Versão de Sentido (VS) (AMATUZZI, 2008). Tal instrumento foi implementado enquanto metodologia de ensino pela professora regente das disciplinas ligadas à perspectiva fenomenológico-existencial, desde o início das atividades remotas na UFPel - com a paralisação das atividades presenciais, em março de 2020.

A Versão de Sentido (VS) pode ser definida como a produção de uma fala relativa a uma vivência que acaba de acontecer. Caracteriza-se por ser um relato livre, expressivo e espontâneo, que traz em si uma reação viva - e o mais imediata possível - ao fenômeno vivido. Assim, trata-se de uma “fala expressiva da experiência imediata de seu autor, face a um encontro recém-terminado” (AMATUZZI, 2008. p. 76). Nesse sentido, cabe mencionar que a importância do resgate da experiência pessoal no âmbito acadêmico vem sendo debatida por vários autores, como LAROSA BONDÍA (2002) e hooks (2019). LAROSA BONDÍA (2002) propõe que se pense as práticas educativas a partir do par experiência/sentido, de modo a valorizar o saber da experiência na formação universitária. Na mesma esteira, hooks, ao propor uma pedagogia engajada e transgressora, afirma que “a experiência pode ser um meio de conhecimento e pode informar o modo como sabemos o que sabemos” (hooks, 2019, p. 122).

Ao longo do trabalho, pretendo apresentar, brevemente, uma contextualização das abordagens denominadas existenciais e humanistas em Psicologia. Em seguida, situo a VS nesse contexto, articulando os seus pressupostos metodológicos ao ensino das referidas abordagens e à experiência da monitoria.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho parte do referencial teórico existencial-fenomenológico e compartilha dos seus pressupostos. O método fenomenológico busca investigar os fenômenos, ou seja, os diversos modos de aparição de determinado objeto (ZAHAVI, 2019). Este método emerge em oposição ao positivismo, perspectiva epistemológica pautada pela separação/cisão entre as categorias do conhecimento. Na contramão dessa perspectiva, a Fenomenologia propõe uma articulação entre sujeito-objeto, mediante uma superação do pensamento dicotômico, interessando-se pelo que se produz no entre, considerado o lugar em que o conhecimento acontece (MERLEAU-PONTY, 1973). Pressupõe, conforme ZAHAVI (2019), um rompimento com a atitude natural - passo metodológico denominado redução fenomenológica. A redução baseia-se na suspensão de ideias prévias sobre o objeto: deve-se colocar quaisquer suposições entre



parênteses, adotando uma postura crítica frente àquilo que se mostra. Nesse sentido, a Fenomenologia orienta-se pela investigação da experiência concreta, ou seja, pelo fenômeno em movimento que aparece diante de - e para - nós.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A disciplina de Teorias Humanistas é oferecida com periodicidade anual para o quarto semestre do curso de Psicologia. Seu objetivo geral é o de apresentar aos graduandos a visão de ser humano adotada pelas correntes existenciais e/ou humanistas em Psicologia, bem como seus principais conceitos. Além disso, tal disciplina aborda os fundamentos filosóficos da denominada Matriz Fenomenológica (FIGUEIREDO, 2008): a fenomenologia e o existencialismo.

No âmbito da Psicologia, a Fenomenologia é considerada a fundamentação filosófica em que se ancoram as abordagens ditas “humanistas”. Essas abordagens focalizam a investigação da experiência vivida - ou vivência - e baseiam-se no método fenomenológico, o qual se manifesta em diferentes propostas. Considera-se que “as situações que alguém vivencia não possuem, apenas, um significado em si mesmas, mas adquirem um sentido para quem as experiencia” (FORGHIERI, 2002, p. 58). Esse sentido, por sua vez, aponta para uma experiência singular a qual a pessoa tem acesso a partir de seu próprio existir - concreto, situado e corporificado. O método, ao possibilitar uma investigação da vivência, permite acessar o seu sentido.

Na Psicologia brasileira, um dos mais conhecidos psicólogos da abordagem fenomenológica é Mauro Amatuzzi - que trabalha, sobretudo, com a vertente humanista rogeriana. Amatuzzi propõe uma ferramenta de investigação do vivido, focalizando a descrição da experiência imediata da pessoa: a Versão de Sentido (VS). Trata-se da produção de um relato espontâneo e não-padronizado, feito imediatamente após um encontro, tomando-o como referência (AMATUZZI, 2008).

Tal instrumento emerge atrelado às raízes epistemológicas humanistas em Psicologia. A partir da teorização empreendida por Carl Rogers, criador da “Abordagem Centrada na Pessoa (ACP)”, o relato livre do cliente a respeito do seu próprio processo passou a ganhar importância no contexto psicoterapêutico. Ao longo das sessões, Rogers, passou a incentivar o cliente a escrever sobre sua experiência, de modo que, ao fim de cada encontro, um breve relato era produzido (AMATUZZI, 2008). Nessa perspectiva, duas premissas fundamentam a investigação do vivido: 1) o acesso ao sentido é, necessariamente, uma versão de sentido. Isso se deve ao fato de que o sentido, enquanto fenômeno, não é único, estático, ou apreensível por completo; 2) o sentido que buscamos é captado e produzido, simultaneamente. “É no presente que capto o passado”, escreve AMATUZZI (1991, p. 11-12), “é criando que entro em contato com o que já existia, e isso porque o que já existia é algo em movimento.” Assim, o objeto e o ato compõem, juntos, a experiência do sentido que interessa explicitar.

Desse modo, a VS baseia-se na ideia de que o que faz sentido registrar é diferente daquilo que é escrito quando tenta-se reproduzir, de modo racional e meramente objetivo, a experiência vivida. Considera-se, por isso, que o “o sentido que interessa é sempre presente” (AMATUZZI et. al. 1991), aparecendo no ato de registrar o encontro. Ao estabelecer um contato presente - e, portanto, vivo - com o encontro recém acontecido, temos a possibilidade de acessar sua ressonância primeira e, assim, evidenciar uma possibilidade de compreensão.

Enquanto prática sistemática, A VS, portanto, se constitui como um “registro condensado do vivido”, que permite à pessoa não somente lembrar-se do



que aconteceu, mas também acessá-lo de forma viva, atualizando-o - presentificando-o - conforme fala sobre ele. Como diz Amatuzzi (2008), “uma VS bem feita é uma espécie de radiografia fenomenológica de um encontro” (p. 79). Por isso, conforme AMATUZZI (2008), a VS pode ser utilizada como um instrumento prático tanto na formação (em supervisões de estágio), quanto na pesquisa em Psicologia. A pergunta que se delineou para a docente de Teorias Humanistas foi: Como seria, então, sua utilização em uma disciplina teórica, na qual o corpo discente teria o primeiro contato com as abordagens da matriz estudada?

Ao longo do semestre 2020/2, tal instrumento foi implementado enquanto metodologia de ensino da disciplina de Teorias Humanistas, em modalidade remota pelo E-aula. A cada semana, os alunos eram convidados a relatarem sua experiência de contato com os textos, aulas e demais materiais oferecidos no percurso da cadeira (como vídeos e podcasts, por exemplo). Solicitava-se que eles falassem em primeira pessoa, a partir do que neles havia ressoado, imediatamente após o contato com o material. Tal ressonância não deveria ser uma escrita teórica, nem um resumo do que aconteceu mas, justamente, um relato breve de experiência. Havia um espaço dentro do sistema E-aula para que a tarefa fosse feita, de forma que a professora pudesse acessar, ler e responder, individualmente, a cada semana, a cada versão postada.

No decorrer da disciplina, a turma se mostrou bastante silenciosa - sobretudo em momentos síncronos. A maioria optou por participar das aulas síncronas através de, no máximo, comentários pelo chat. Assim, por ser minha primeira experiência enquanto monitora - e, ainda por cima, em um contexto marcado pelas limitações do ensino remoto - foi bastante angustiante lidar com os silêncios. A leitura das versões, porém, foi revigorante para mim. Acompanhei as produções dos alunos a cada semana, lendo suas impressões e, nesse processo, conhecendo um pouco mais o olhar de cada um. Me deparei com uma escrita viva que trazia, ao mesmo tempo, elementos objetivos do que foi estudado, mas também angústias, inquietações, dúvidas, não-entendimentos e possibilidades. Além disso, cada versão, ao ser respondida pela professora, ampliava este diálogo e permitia, segundo a percepção dos alunos, uma proximidade fundamental para a permanência na disciplina em um semestre remoto, no contexto difícil em que o país se encontra.

Por fim, a avaliação final da disciplina consistiu em uma versão de sentido das versões de sentido produzidas ao longo do semestre, o que vai ao encontro da indicação de Amatuzzi (2008). De acordo com o autor, quando as versões são olhadas em conjunto, depois de terminado o processo, é possível acessar uma visão condensada do percurso, rica em detalhes experenciais. Assim, a versão-das-versões mostrou-se uma ferramenta útil para que o aluno conseguisse entrar em contato com o seu processo de aprendizado em uma visão global, buscando o seu sentido-significado de forma pessoal e singular ou seja, “o sentido-que-faz-sentido” (AMATUZZI et.al. 1991).

4. CONCLUSÕES

A experiência de monitoria foi muito enriquecedora em vários sentidos. Retomei os conteúdos que vi quando cursei Teorias Humanistas, o que me possibilitou um aprofundamento maior na abordagem existencial-fenomenológica. Além disso, ajudar a professora na elaboração de materiais didáticos (como os podcasts) e ler os alunos em seus percursos de formação, permitiu que eu me aproximasse, pela primeira vez, do lugar da docência. Isso foi bastante significativo e me fez ver o quanto a formação em Psicologia requer uma implicação pessoal



com as abordagens e conteúdos. É fundamental para a nossa formação desenvolver um olhar sensível para o processo de cada um.

Assim, o uso da Versão de Sentido (VS) como metodologia de ensino mostrou-se surpreendente. Ao fim do processo, quando solicitou-se aos alunos a realização de uma versão-das-versões, muitos relataram uma surpresa ao se lerem, o que apontou para uma tomada de contato profunda - e processual - com seus percursos singulares de aprendizagem. Entende-se que a VS serviu a um pressuposto fundamental das abordagens existenciais-humanistas em Psicologia, para as quais a experiência vivida representa um importante aspecto no caminho formativo na graduação, principalmente no âmbito da psicologia. Assim, mais do que um contato racional ou conteudista com a abordagem, possibilitou-se que os alunos se implicassem sensivelmente, em primeira pessoa, com os principais conceitos da matriz fenomenológica.

Em termos de ensino remoto, os alunos relataram a proximidade que tal ferramenta possibilitou na relação entre docente e discentes, o que permitiu elaborar ações de monitoria mais focadas - como produção de podcasts, organização de pastas com textos complementares e respostas a dúvidas no fórum. Além disso, em tempos de isolamento físico, distância e câmeras desligadas na maior parte do tempo, a VS sustentou o vínculo para além das aulas síncronas, permitindo que a experiência dos/as estudantes ecoasse e houvesse a manutenção de diálogos sobre/entre os encontros.

Os resultados confirmam os estudos já realizados sobre o uso das Versões de Sentido e somam a estes em um campo ainda inédito: o ensino de perspectivas teóricas na graduação. Assim, ressalta-se a importância de pensarmos novas propostas metodológicas, que sirvam não só à formação profissional de qualquer graduando, mas à sua formação humana - e singular.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMATUZZI, Mauro; SOLYMOS, Gisela; ANDO, Cristiane; BRUSCAGIN, COSTABLLE, Claudia. O sentido-que-faz-sentido: Uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, 1991. v7. nº 1. pp. 1-12.
- AMATUZZI, Mauro. **Por uma Psicologia Humana**. São Paulo: Alínea, 2008.
- LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, 2002.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Matrizes do pensamento psicológico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- FORGHIERI, Yolanda. **Psicologia Fenomenológica**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Ciências do Homem e Fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- ZAHAVI, Dan. **Fenomenologia para iniciantes**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.